

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

Veja Digital: Uma Revista para Ser Vista, Ouvida e Lida

Ana Amélia Erthal, doutoranda pela UERJ, professora da ESPM RJ

Resumo: Entre as variadas possibilidades de exploração do tema tecnologias digitais aplicadas ao jornalismo, o presente artigo tem como pretensão se concentrar nas mudanças no modo de apresentação do conteúdo da Revista Veja Digital, desenvolvida para aplicativos mobile (aparelhos telefônicos celulares e tablets). A Revista foi escolhida por ser uma das pioneiras a utilizar o talento hipermídia das plataformas móveis e produzir uma versão digital mesclando linguagens possíveis nesses aparatos. Ela servirá como exemplo para questionar as novas formas de consumo de conteúdo via meios eletrônicos, observando os modos de apresentação que deixaram de ser apenas textual, para ser imagem, vídeo, gráficos, novos códigos e novas formas de interação que culminam com a porcentagem de apreensão das informações. Para essa investigação, foram usadas as considerações de Roger Chartier sobre os Desafios da Escrita e a proposta de mudança do código de comunicação presentes nas ideias do filósofo Vilém Flusser.

Palavras-chave: Veja digital, conteúdo eletrônico, hipertexto, aplicativos de revistas para mobile

Introdução

“Una literatura difiere de otra ulterior o anterior, menos por el texto que por la manera de ser leída”

Jorge Luis Borges, nota sobre Bernard Shaw em *Otras inquisiciones*, 1952

A intensificação dos usos dos meios eletrônicos lança questionamentos sobre o consumo de conteúdo midiático. Parece que, conforme sugere Mario Vargas Llosa, “nenhum jornal, revista ou noticiário de hoje poderá sobreviver se desobedecer cabalmente às características da cultura predominante da sociedade e do tempo que atua” (2013, p. 51). Da década de 1970, Vilém Flusser predizia uma mudança do código da comunicação, em que o texto seria substituído pela imagem, porque as imagens prevaleceriam e porque não faria sentido traduzir imagem em texto e texto em imagem num cenário de escassez de tempo. “Nós pensamos apenas imagens [...] e tudo que denominamos de percepções – sejam elas externas ou internas – não são nada além de

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

imagens computadas no cérebro” (FLUSSER, 2010, p. 221). A Veja foi escolhida por usar tecnologias de hipertexto em aplicativos em que se pode ver, ouvir, ler, ler e ouvir, ver e ler, ouvir e ver; enquanto muitas revistas replicam seus conteúdos no meio eletrônico simulando a materialidade impressa. Como pregava McLuhan, quando uma mídia nova se apresenta, apropria-se de linguagens anteriores até criar sua própria linguagem. Quando a TV surgiu, usando um exemplo próximo, se apropriou de toda a linguagem do rádio. Apesar de ter imagem, a TV reproduzia exatamente o mesmo conteúdo da rádio, suas novelas, seus programas de reportagem e publicidade. Até que houve um momento em que a TV percebeu que poderia ser totalmente diferente do rádio. O mesmo ocorreu com a internet. Em seu primeiro momento, ela replicou o conteúdo impresso, sem nenhuma adequação à linguagem. Enormes e longos textos eram duplicados na rede, mesmo que as pesquisas apontassem para modelos enviesados de leitura, uma leitura mais fragmentada e rápida¹, muito divergente do modelo tradicional.

Como defende Chartier, é a ordem dos discursos que se transforma com a textualidade eletrônica, “É agora um único aparelho, o computador, que faz surgir diante do leitor os diversos tipos de textos tradicionalmente distribuídos entre objetos diferentes”, ele sinaliza que esse modo cria uma continuidade em que se não diferencia os diversos discursos a partir de sua própria materialidade (2002, p. 22-23).

No entanto, em vez de criar textos dinâmicos usando mais de um formato, as revistas e jornais estavam apenas reproduzindo suas páginas em formato *flip-page*: idêntico a uma folha impressa, simulando o mesmo movimento de virada de página e em alguns aplicativos de leitura para e-books, simulando inclusive o som da virada da página em papel. Já em revistas, como a Veja, que adotaram formatos híbridos, a leitura é descontínua, não linear, os olhos procuram por palavras-chaves que transmitem rapidamente a mensagem. A revista é lida em partes, sem a necessidade de ser lida integralmente. Uma transformação no hábito dos leitores altera também a sua

¹ Pesquisas realizadas por empresas como Google e Nielsen/NetRatings, disponíveis em <http://googleblog.blogspot.com.br/2009/02/eye-tracking-studies-more-than-meets.html>

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

percepção, como diz Chartier: “Nesse sentido, a revolução da textualidade digital constitui também uma mutação epistemológica que transforma as modalidades de construção e crédito dos discursos do saber” (2002, p. 25).

Metodologia

Para medir a experiência multissensorial proposta pela revista digital, foram comparadas duas edições em suas versões impressas e digital, por observação e experimentação. A *Veja* possui uma versão digital para aplicativo, que pode ser comprado em bancas eletrônicas (como Zinio ou iBooks) ou diretamente do site da Revista *Veja* on-line. Para fazer a compra é necessário possuir uma conta no Google Play ou iTunes Store e imediatamente a revista é descarregada na íntegra para o aparato. A capa já apresenta interatividade: idêntica à versão impressa, oferece links diretos para as matérias. O aplicativo reconhece o primeiro acesso do usuário e oferece um guia de navegação que explica a função de cada ícone; ações como ampliar, deslizar ou ver uma imagem 360 graus; e como fazer para compartilhar o conteúdo nas redes sociais. Existem dois menus adicionais que aparecem quando se toca na tela nos cantos superiores ou inferiores. O menu superior dá acesso à banca e edições anteriores, retorno à página visualizada, menu vertical com sumário e favoritos. O inferior oferece visualização das miniaturas das páginas, compras, acesso à capa, índice e ajuda. Também é possível visualizar um sumário interativo que leva diretamente à seção desejada. Seções tradicionais da revista mantêm o mesmo padrão da versão impressa – como a entrevista nas páginas amarelas. Outras ganham pequenas mudanças, como uma linha do tempo com rolagem, um gráfico animado ou um infográfico interativo. Certas notas possuem, ao final, um ícone que direciona para uma reportagem sobre o mesmo tema. O texto é corrido, necessitando deslizar a tela verticalmente. Alguns trechos específicos de determinadas sessões encontram-se minimizados e é necessário clicar nos subtítulos e ou nas imagens para abrir o texto completo. As seções como Artes e Espetáculos reservam um maior número de interações: trechos de livros surgem ao clicar na imagem de determinada obra, pedaços de músicas começam a tocar ao clicar

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

no ícone próximo à chamada do lançamento ou recomendação do momento, vídeos com *trailers* dos filmes também são acessados apenas tocando no ícone correspondente. Existe a possibilidade de modificar imagens, acessar galerias de fotos, ir a outros sites ou enviar uma mensagem para a redação da Veja. A publicidade também é interativa: anúncios animados com links para vídeos ou site da empresa. Outros, podem ser vistos apenas virando o tablet na horizontal. Ao final da edição o leitor é convidado a interagir: deve responder um quiz com perguntas sobre os assuntos que percorreu em sua exploração. Sua porcentagem de acertos mostra o quanto o leitor reteve das informações que consumiu.

Conclusão

A revista Veja se utiliza de outros recursos além das linguagens disseminadas nos meios digitais, criando uma forma de consumo de conteúdo diferenciada, em que se pode ler artigos completos, assistir vídeos, ouvir depoimentos e entrevistas gravadas. É a visão da revista que se expande para ser lida, vista e ouvida.

Referências

- CHARTIER, Roger. **Os desafios da Escrita**. São Paulo: UNESP, 2012
- BOIVIN, Nicole. **Material Cultures, Material Minds**. New York: Cambridge Press, 2010.
- FLUSSER, V. **A Escrita**. São Paulo: Annablume, 2010.
- _____. **O mundo codificado**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013